



AS QUADRAS DO POVO. Lisboa [1909] – Daniel Pires define-as assim: “Publicação que primava pela sua contundência fazia apelo ostensivo à revolta e ao inconformismo.”¹ Esta revista literária é pura poesia revolucionária e impõe-se pela sua originalidade ao utilizar a lírica para apelar à contestação social. A série completa é constituída por seis números, segue a direção de Hércules Severo e é propriedade de A. de Almeida. Cada número é composto por uma quantidade variável de páginas não numeradas (8 a 17, com capa incluída), sendo que não contém datas de publicação ou impressão. Mas considera-se que foi publicada em 1909, devido à inserção da expressão: “PROTESTO DOS POETAS PORTUGUEZES: 1909” –, como um *slogan*, a ocupar todo o espaço da terceira página dos três últimos números.

A capa do seu primeiro número não apresenta subtítulo, apenas o título destacado, em letras brancas, de *design* e dimensão garrafal, sobre fundo preto. Todos os outros números incluem o complemento de título **Pamphletos revolucionarios**, na parte inferior da capa, em letra de menor dimensão. Logo a seguir, mas apenas nos números 2 e 3, anuncia-se a **Colaboração Inédita de: Guerra Junqueiro, Theophilo Braga, Bulhão Pato, Gomes Leal, Afonso Lopes-Vieira, Augusto Gil, Mayer Garção, Ribeiro de Carvalho, Thomaz da Fonseca, Carlos Amaro, Dias de Oliveira, Carlos de Lemos e Armando d’Araújo**. Destes treze poetas, apenas quatro colaboram nesta revista, sendo os três primeiros mais conhecidos: **Gomes Leal**², **Armando d’Araújo**³, **Augusto Gil**⁴ e **Dias d’Oliveira**; **Mário Monteiro** é o último autor. Outras informações complementares lêem-se sempre, na penúltima página de cada exemplar: “**Estes folhetos publicam-se aos domingos e cada folheto é colaborado por um só poeta**”. Repetidamente, na última página, vem o preçário:

¹ V. “Quadras do Povo”. In *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa, Grifo-Editores e Livreiros Lda., 1996, p. 298.

² **Gomes Leal** (1848-1921) é o poeta do n.º 2 – António Duarte Gomes Leal, lisboeta, “só foi reconhecido como poeta em 1869, depois da publicação do folhetim *Trevas* na *Revolução de Setembro* onde é apresentado por Luciano Cordeiro (1844-1900) como um dos Poetas Novos” [do ultrarromantismo]. Gomes Leal não acabou o Curso superior de Letras mas “dedicou-se à carreira literária, compondo várias obras, que lhe deram fama de satyrico audacioso”, escreveu Brito Aranha, em *Diccionario Bibliographico Português*. Lisboa. T.XX (Supl.12), 1911, p. 201.

³ **Armando d’Araújo** (1878-1962) é o autor do n.º 3 – Lisboa, com apenas 29 anos, já era proprietário de uma tipografia. Foi publicista e funcionário público – Chefe de Repartição do Ministério das Colónias -, escritor e fundador do jornal teatral *Arco-Íris*. Também colaborou nos seguintes periódicos de tendência progressista: *Novidades* (1885-1974), *Debate* (1903-1904), *A Voz* (1927-1971), *A Época* (1902-1909), etc. Pertenceu, de 1950 a 1953, aos corpos dirigentes da Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa. Considerado defensor dos desprotegidos, angariou fundos para obras de assistência. Cf. ARAÚJO (Armando de Almeida de Sousa) ” In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa-Rio de Janeiro, [1999], *Actualização*, V. 1, p. 520.

⁴ **Augusto Gil** (1873-1929) publica no n.º 4 – Augusto Cesar Ferreira Gil, sertanejo, da sua *sagrada Beira*, exerceu advocacia em Lisboa e foi diretor-geral das Belas-Artes. Mas foi na Guarda que viveu quase toda a sua vida como poeta [neorromantismo nacionalista].

40 réis⁵. À venda em todos os locais do costume – Série de 10 Folhetos, por assinatura, enviados pelo correio, 400 réis, Franco – de porte pagamento adiantado, podendo ser feito em estampilhas.”

“Ao Povo” é o título do **folheto**⁶ número um, cuja última quadra começa com um apelo revolucionário: **A hora, enfim, é chegada, / Transforma o Portugal novo ...** e é finalizada pelo verso: **Acorda, desperta, Povo!** Um início que se pretendia corajoso e, por isso, esta revista inseria na segunda página de todos os seus números, em forma de anúncio, dentro de caixa de texto e em letra maiúscula, a seguinte explicação: “AS QUADRAS DO POVO QUE APARECEM ANONYMAS SÃO FEITAS PELOS PRIMEIROS POETAS PORTUGUESES”. Na parte inferior desta segunda página, é também impressa a Ficha Técnica desta publicação que inclui, como usual nesta época, a tipografia: “Composto e impresso na **typografia de António Maria Antunes**, Calçada da Glória, 6 a 10”.

Em 2010, num *blog* afirma-se que o n.º 2 é **o mais raro, de Gomes Leal: Carta ao Rei, impondo-lhe a expulsão dos jesuítas**⁷. Este poema começa com Gomes Leal a apresentar-se: “ Senhor! O atrevido sou, / sim, sou esse revoltado, / que a vosso pae hei ralhado, / e hei ralhado a vosso avô! [...]” e prossegue aconselhando o *Rei Manoel*: **“Rasga o pacto de aliança [...]**”, e reforça com “Neto de reis, ó Bragança, / escravo dos jesuítas... / olha que te precipitas / no abysmo, ingénua creança!” E finaliza: “não entregueis, a taes porcos, / os cadavers dos leões!...” Encontra-se assinado e datado de 1 de Agosto de 1909 e é seguido pelo seguinte **P.S. – “Sendo estes versos dirigidos a alguém, em forma de carta, eles nunca poderiam constituir uma carta anonyma, motivo por que veem assignados. / O seu auctor, que nunca temeu as consequências das suas ideias e afirmações, quis assumir a inteira responsabilidade d’esta carta.”**

O número seguinte, o três, intitula-se “A sombra de Guilherme Braga”, e inclui uma foto deste poeta português - a única ilustração nesta revista -, e o poema é também, declaradamente, anti-jesuíta. Como curiosidade, referimos que o **nome do autor foi apagado ou a página rasgada**⁸, pelo que a Hemeroteca Digital insere outra digitalização da mesma página [a 10] que revela o nome de *Armando d’Araújo*. Esta intenção censória revela ingenuidade pois, os números seguintes passam a incluir um índice, atualizado a cada um, denominado: “Números Publicados”, nos quais se podem ler, além dos números e dos títulos das poesias, os nomes dos autores/colaboradores. Estes três últimos números também passam a incluir a lista “Os nossos agentes nas províncias”, nas quais se destacam as cidades do Porto e Coimbra, as únicas com a morada à frente do respetivo agente. Esta lista pretende, muito provavelmente, aumentar o volume de vendas desta publicação periódica elitista, mas que pretendia ser lida por todos, usando e abusando de uma linguagem de teor satírico e algo sórdido.

⁵ **40 réis** – Por cada número avulso, este valor é 10 réis mais caro que *Amanhã: revista popular de orientação nacional*, também de 1909, o que pode ter influído na sua pouca longevidade.

⁶ Pequena obra literária ou científica de poucas folhas. Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa-Rio de Janeiro, [1940], V. 11, p. 535.

⁷ “O mais raro, o nº 2 [...]”. Cf.: “*Quadras do Povo. pamphletos revolucionários*. Posted 12th March 2010 by Surrealista, Labels: Biblioteca CRP, in: <http://republica100anos19102010.blogspot.pt>

⁸ Nome do autor apagado com tinta, na nossa coleção (HML) mas referência a folha “rasgada, aliás como em todos os que conhecemos, dado ter-se pretendido ocultar o nome do autor dos versos que o constituem” Cf.: <http://frenesilivros.blogspot.pt/2010/01/as-quadras-do-povo-pamphletos.html>

“Satyra aos jesuítas e aos liberaes” é um título que não podia ser mais explícito, do poema de Augusto Gil, no número quatro da publicação. Depois deste título, mas antes do poema, encontramos um texto quase factual, intitulado “A venda dos milagres”, no qual intervêm Afonso Costa e Egas Moniz que menciona o Dr. Bombarda que tinha acabado de discursar sobre a venda de relíquias em Braga, pelos frades de Montariol, além do mesmo tipo de venda na França [republicana] que influenciava obscuramente Portugal. Este texto termina com a seguinte intervenção do deputado republicano Afonso Costa: “ Em Hespanha os frades vão mais longe. Vão até ao fabrico da moeda falsa.” E, por fim, entre parenteses, o leitor é informado sobre a fonte, mas com data incompleta: “Extracto do discurso do deputado sr. dr. Egas Moniz, publicado no jornal *O Dia*, de 3 do mez corrente [?]” Segue-se o poema, em quadras satíricas, do poeta Augusto Gil.

No seu número cinco, “À Luz do Sol”, de Dias d’Oliveira, é o poema patriótico e nacionalista *per se*. Aparece após uma frase, em forma de didascália histórico-social e que diz assim: *Um dos papões que a Grande Cáfila dos Malandrins apresenta agora ao Povo (n’uma suprema ironia) é a ... Administração Estrangeira!* Mas o sentimento anti-jesuíta também escorre ao longo desta poesia em quadras, das quais transcrevemos a última:

*Jesuítas, reis, ao Diabo,
Dê-lhes a bênção Satan!
Da vil reacção demos cabo,
E não se espere amanhã.*

“ETERNA COMÉDIA!” – Mário Monteiro denomina assim o seu poema no número 6, o último, que também inclui uma didascália de crítica social: *Que triste situação a que Portugal chegou! / Anda ahi, pelas ruas da cidade, a Miséria andrajosa e faminta que não tem eira nem beira. / Succede porém, que essa Miséria, ao passar, cruza-se com outra, a Miséria-Maior, que traja sedas e rendas, casacas e fardas. / Ao ver as duas a par, há quem chame à primeira – Ralé. / No entanto esta, por mais generosa, nem sequer repara na outra!* Esta poesia, também em quadras – forma lírica do cancionero popular português –, além de retratar a real Miséria/Desgraça em que vive o Povo, conta a história da fácil ascensão de um *doido varrido* a ministro e Conselheiro do Rei. A dada altura, surge uma quadra que define a política ministerial, entre o Regicídio (1 de Fevereiro de 1908) e a Implantação da República (5 de Outubro de 1910), e que é a seguinte:

*É cidadão? Que pretende?
República ou Monarchia?
Nem eu sei! Ambas defende
Por dever de cortesia!⁹*

A escrita de Daniel Pires inicia e finaliza esta ficha com palavras que se referem a este tipo de publicações: “Os periódicos assumem com frequência o papel de contrapoder, de recusa do *status*. Efectivamente, dada a sua periodicidade, estão

⁹ *In Quadras do Povo: pamphletos revolucionários*, Lisboa [1909], nº 6 [p. 9].

vocacionados para intervir na *res publica*, para veicular posições que entram em rota de colisão com o poder.”¹⁰

M. Helena Roldão

Lisboa, 03 de Outubro de 2012

¹⁰ *In Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa, Grifo-Editores e Livreiros Lda., 1996, p. 11.